



RUMOS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA NO SÉCULO XXI: PAPEL E COMPROMISSO DO SETOR PARTICULAR DE ENSINO

Édson Franco¹

O desafio colocado neste Painel é tão imenso quanto a imensidão do Rio Amazonas das minhas origens e do meu *habitat*.

Deseja-se projetar as próximas nove décadas. Quer-se questionar o papel e o compromisso do sistema privado de ensino nesse futuro. Muita coisa para um mero expectador de educação.

A educação é maior e mais complexa que o ensino, sem dúvida alguma. Portanto, não basta tratar apenas da parte, considerado apenas o ensino, quando é exigido que pensemos na educação como um todo. Aí vem a questão gongórica:

*O todo sem a parte não é todo;
A parte sem o todo não é parte;
Mas se a parte o faz todo sendo parte,
Não se diga que é parte, sendo todo.²*

Desfizemos até agora treze anos deste século, mas falta percorrer muito mais ainda.

Papel e compromisso não se confundem, embora um e outro surjam da mesma origem. Papel sem compromisso não é nada, nada representa. Papel só tem sentido se combinado com compromisso. Mas não se trata de uma parte do sistema particular, apesar de nos encontrarmos, neste Painel, numa instituição que congrega parcela significativa do ensino superior brasileiro. Trata-se de pensar no todo, embora reconheçamos que a parte – ensino superior particular – sendo parte, torna-se todo, no dizer gongórico antes enunciado.

Para descortinar o restante imenso do século XXI é necessário ter certeza que o futuro é sempre uma continuidade ainda que atropelada e aperfeiçoada do passado. Assim, a base dessas futuras nove décadas deverá refletir de algum modo o passado, apesar de reconhecermos que o ritmo das mudanças é tão grande e tão veloz, jamais comparável ao ritmo dos últimos séculos. De fato, podemos enunciar que aquela verdade dos romanos que dizia *natura non facit saltus*³, começa a ser posta em dúvida. A natureza dos nossos tempos tem feito saltos significativos. Vivemos numa era de descontinuidades.

¹ Ex-presidente da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES). Diretor do Centro de Estudos Avançados do Pará, mantenedora da Faculdade de Estudos Avançados do Pará. Brasília, 7 de maio de 2013.

² Gregório de Matos Guerra – <http://www.vidaem poesia.com.br/gregoriodematos.htm>

³ A natureza não faz uma floresta.



ABMES

Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior
SCS Quadra 07 Bloco "A" Sala 526 - Ed. Torre do Pátio Brasil Shopping
70.307-901 - Brasília/DF
Tel.: (61) 3322-3252 Fax: (61) 3224-4933
abmes@abmes.org.br www.abmes.org.br www.abmeseduca.com

Onde poderemos perceber algumas luzes no final do túnel, já que este é o objetivo deste Painel? Respondo que pelo menos despontam no horizonte duas imensas luminárias, cada vez mais perceptíveis: a luminária da **qualidade** e a luminária da **natureza**.

Rejeita-se a falta de qualidade em qualquer dimensão, da mesma forma como que se rejeita qualquer submissão da natureza aos caprichos insanos dos homens. A qualidade tem a vertente de buscar a perfeição. A natureza exige amor de parte do ser humano.

Nosso íntimo sabe descortinar qualidade. “Qualidade a gente sabe quando a gente vê”, como afirma John Guaspari. Nossa consciência percebe com clareza as respostas contundentes da natureza quando ameaçada pelos homens. A natureza vai ao ataque quando sofre das ações desertificantes dos que nela habitam. Quando não vemos qualidade nós nos sentimos lesados, ludibriados. Percebe-se que quando o dito enunciado não é feito, a promessa então é mero engodo.

Em virtude de não podermos tratar do todo da educação e do ensino, envolvendo todos os segmentos em que ela e ele se realizam, fiquemos ao menos com a parte correspondente ao ensino superior privado, nas suas mais diversas modalidades.

Remonto à primeira escola.

A primeira escola, dos primeiros tempos, do “ide e ensinai a toda criatura”, significava o deslocamento dos mestres para alcançarem os aprendizes. Era preciso ensinar aos pagãos de toda parte. A escola de agora chega com sua mensagem aos aprendizes sem exigir o deslocamento de professores, numa diferença completa do passado. A aldeia global é uma realidade, visível por todas as formas. Quando se pensa no novo, eis que temos de ficar atentos ao que está vindo. O novo pode estar nas prateleiras, mas já não é novo na mente dos revolucionários. Se o PC exigia o ficar, o *Tablet* permite o estar em qualquer lugar, em deslocamento. A diferença está entre o ficar e o andar, entre o estático e o dinâmico.

A Unesco, em Paris, soube de alguma maneira iluminar as nossas inquietações do amanhã. Declarou que o homem precisa “**aprender a ser**”. Necessita “**saber fazer**” para se tornar útil a si e à sociedade. Deve ser “**capaz de compreender**” o seu semelhante para aceitá-lo na sua diversidade. Para isto precisa “**aprender a conhecer**” o mundo em toda a sua dimensão. São os quatro pilares do “**aprender**”, que valem como um enunciado de compromisso.

Nesse aspecto a educação não guarda semelhança com qualquer outro produto do mundo conhecido. Ela envolve ou deve envolver o aluno na sua integralidade.

O setor particular de ensino no século XXI terá de ter compromisso com a qualidade e com a natureza. Seu papel terá de ser o de fazer os seus alunos aprenderem a ser eles mesmos, na dignidade de seres humanos. Seu papel há de ser cada vez mais o de ser capaz de desvendar o conhecimento, compreendendo seus semelhantes na sua própria condição de aceitação, lembrando que o fazer dignifica o homem naquilo que ele é, por si, e como parte da sociedade.



Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior
SCS Quadra 07 Bloco "A" Sala 526 - Ed. Torre do Pátio Brasil Shopping
70.307-901 - Brasília/DF
Tel.: (61) 3322-3252 Fax: (61) 3224-4933
abmes@abmes.org.br www.abmes.org.br www.abmeseduca.com

A qualidade será sempre relativa – me perdoem – mas isto é verdadeiro. A busca do aperfeiçoamento é inerente ao ser humano. A qualidade não pode ser decorrente apenas de fórmulas quantitativas. Haverá sempre a busca da superação. Os metros quadrados por aluno, do Ministério da Educação (MEC) dos anos de 1950, acabou com as carteiras triplas como em Portugal, mas não resultou em muito mais qualidade. O número de alunos por turma também foi algo relativo diante das turmas de quinhentos estudantes, como nos países do Primeiro Mundo. Os dez mil livros de direito também não resolveram a questão do Exame da Ordem. O que é uma biblioteca submetida a um quantitativo de livros, diante da virtualidade dos nossos tempos? O que é a inclusão social decorrente de realidades físicas dos estudantes, diante das cadeiras que sobem pelo corrimão das escadas como elevadores inclinados? Para a família de uma vítima, a punição de trinta anos de um delinquente é um nada, quando na verdade não é o tempo que apaga a prática criminosa senão a recuperação efetiva do criminoso. O Bom Ladrão não precisou de trinta anos para ganhar a Eternidade! A qualidade tem laços com a subjetividade e com o compromisso, embora ela possa ser fundamentada em alguns dados da objetividade, apesar de só esta não bastar.

Critérios meramente quantitativos ajudam muito pouco se não há compromisso, se não há responsabilidade diante do presente, com vistas ao futuro. Para atender critérios meramente quantitativos, foram usados transportes de laboratórios e transportes de estantes de livros no ensino superior mesmo na porção pública conhecida!

O compromisso com a qualidade ultrapassa os formulários oficiais, pois a qualidade é sempre um “vir a ser”.

O compromisso com a natureza é consequente do compromisso com a qualidade. O compromisso com a natureza é também o compromisso com o outro, com os outros. Neste caso, o compromisso é também uma responsabilidade social que ultrapassa em muitos aspectos as meras normas ecológicas.

Se persistir até o final do século, um sistema de ensino superior fundado em pequenas e médias instituições e em grandes e megainstituições a cada qual será conferida a responsabilidade pela busca da qualidade e pela busca do respeito à natureza. Não adianta a inclusão de disciplinas que tratem nos currículos de **qualidade** e nem de disciplinas que tratem de **natureza**. Qualidade não é ciência. Natureza é amor. É vínculo de harmonia.

Como fazer isto tudo quando o futuro aponta para o crescimento veloz do ensino a distância? A prática do ensino a distância representa uma significativa responsabilidade de parte do aprendiz. Nós não precisamos conviver com os produtores de sucos para saber se eles foram bem preparados, higienizados os vasilhames, adequados à nossa saúde. Daí que ao primeiro sinal de falta de qualidade a intervenção governamental se tornou uma necessidade e uma urgência. E todos nós aplaudimos.

Claro que as possibilidades de conseguir responsabilidades de parte dos aprendizes é mais fácil no ensino a distância do que no ensino presencial. No ensino presencial a plateia está formada e o aluno joga para si e para os outros. No ensino a distância sem plateia, portanto, é o aprendiz que joga consigo mesmo e com a conformação com a verdade que aprende.



Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior
SCS Quadra 07 Bloco "A" Sala 526 - Ed. Torre do Pátio Brasil Shopping
70.307-901 - Brasília/DF
Tel.: (61) 3322-3252 Fax: (61) 3224-4933
abmes@abmes.org.br www.abmes.org.br www.abmeseduca.com

No meu íntimo resta a dúvida: como fazer para que na dimensão de cada instituição de ensino superior – pequenas, médias, grandes e megainstituições –, seja conseguido o ideal de aprender como sugeriu a Unesco?

O que fazer para ampliar ainda mais o **conhecer** dos nossos alunos se o ensino for apenas a repetição do que o professor aprendeu nos livros ou escreveu na sua dissertação de mestrado ou na sua tese de doutoramento? E se a educação não for verdadeiramente mirada no espelho do testemunho dos agentes educacionais?

O que fazer para que o aluno aprenda ainda mais a **saber fazer** aquilo que é necessário que saiba para seu engrandecimento pessoal e social? Mãos e cérebros têm de ser postos à prova, à medida que desejamos que os nossos alunos efetivamente aprendam a fazer?

O que fazer para que o nosso aluno aprenda resolutamente a compreender o seu semelhante na diversidade e nas diferenças que ele possui. Aprender a falar com o coração é da essência da fraternidade.

Se para as pequenas instituições o difícil é espelhar o todo, para as megainstituições o importante é conseguir a personalização e a customização do trabalho acadêmico.

Se para o ensino a distância o difícil é a convivência com a atualização, o intrincado para o ensino presencial é conseguir a unidade na diversidade dos “ensinantes” e dos aprendizes.

Esperançoso e otimista, creio na superação do individualismo e na consistência do personalismo e da customização.

Ao me preparar para este momento, eis que surge o *Horizon Report 2013*, elaborado por um conjunto de 51 especialistas em educação, tecnologia e futuro, além de escritores e pensadores. Embora essa equipe de gente competente, o trabalho que desenvolveu jamais cogitou das ocorrências do todo do século que vamos viver. O trabalho se bastou com os próximos cinco anos, isto é até 2018, destacando **tecnologias, tendências e desafios**.

Ressaltando a importância dos jogos para o melhor aprendizado, o estudo mostra que uma das formas de alcançar o aprendizado customizado será pela difusão ampla dos *tablets* por serem portáteis e poderem abrigar uma variedade imensa de conhecimentos. Destaca o novo papel do professor que terá de assumir a postura de mentor e de conector das informações disponíveis para o aprendizado dos estudantes. Reconhece, enfim, que em virtude das resistências internas nas instituições, o desafio maior é o de capacitar docentes para o novo mundo que está chegando e preparar melhor os pesquisadores para que se aprofundem no uso das tecnologias.

Sei que, como futurólogo, sou um desastre. Todavia, criei a coragem de escrever sobre o futuro que está chegando para fazer com que os participantes do Painel acompanhem essa caminhada e não me arremessem pedras se nada do que imagino acontecer, realmente aconteça.